

A segunda parte de *Os Lusíadas*: Cantos III- IV - A história de Portugal

A primeira coluna da tabela abaixo indica o número de estâncias dedicadas a cada período. Com exceção dos cinco primeiros do Canto III, cada período equivale a um reinado. Em seguida são indicados, na segunda e terceira colunas, quais são as estâncias e qual é o período. Quando o reinado é composto por vários episódios, na quarta e quinta colunas são indicadas quais são as estâncias do episódio e qual é o episódio. Em dois casos específicos há um episódio no interior de um outro. Nesta situação coloquei as estâncias entre parêntesis.

Canto III

Número de estâncias	Estâncias	Período	Estâncias	Episódio
2	1-2	Invocação		
2	3-4	Explicação do Gama		
15	7-21	Descrição geográfica da Europa e de Portugal		
1	22	Viriato		
7	23-29	Conde D. Henrique		
56	29-84	Afonso Henriques		
			29-33	Luta com D. Teresa
			34-41	Episódio de Egas Moniz
			42-54	Batalha de Ourique
			55-68	Outras conquistas
			69-76	A derrota em Badajoz
			77-84	Batalhas de D. Sancho e morte de Afonso Henriques
5	85-89	D. Sancho I		
1	90	D. Afonso II		
3	91-93	D. Sancho II		
2	94-95	D. Afonso III		
3	96-98	D. Dinis		
37	99-135	D. Afonso IV		
			99-117	Batalha de Salado

			(101-106)	Maria
			118-135	Inês de Castro
2	136-137	D. Pedro I		
			136	Inês de Castro
2+4	138-143	D. Fernando		
			140-143	Sobre o amor

Canto IV

Número de estâncias	Estâncias	Período	Estâncias	Episódio
50	1-50	D. João I		
			1-3	Subida ao trono
			4-25	Preparação de Aljubarrota
			26-45	Aljubarrota
			46-50	Após Aljubarrota
3	51-53	D. Duarte		
7	54-60	Afonso V		
5	61-65	D. João II		
39	66-104	D. Manuel		
			69-75	Sonho de D. Manuel
			77-82	Conversa entre D. Manuel e Vasco da Gama
			83-86	Preparação da armada
			87-104	Partida da armada
			(94- 104)	Velho do Restelo

Uma possível divisão da história de Portugal e o número de estâncias de cada período:

Antes de Afonso Henriques: 8

Afonso Henriques: 56

Entre Afonso Henriques e Salado:

14 Salado: 19 [Maria:6]

Inês de Castro: 18

Entre Inês e Aljubarrota: 6

Aljubarrota: 42

Entre Aljubarrota e o sonho de D. Manuel:

24 O sonho e a partida da armada: 36

Hipóteses que podemos levantar para esta divisão:

I- Episódios fundamentais na história de Portugal:

Afonso Henriques: A fundação de Portugal

Aljubarrota: A batalha em que se decidiu a permanência de Portugal como nação independente

A conquista das Índias: momento máximo do poderio português

II- Motivos simbólicos

Salado: guerra final, no território ibérico, do cristão contra o mouro.

III- Motivos de composição literária

Inês de Castro: o grande episódio lírico de *Os Lusíadas* (nas epopeias o amor, apesar de secundário em relação às batalhas, é também um tema fundamental)

Podemos concluir que os grandes temas abordados não formam um todo orgânico como ocorre nas epopeias clássicas. Nelas todos os acontecimentos estão ligados. Por exemplo, em cada uma das aventuras de Odisseu ele está jogando a sua possibilidade ou não de retornar para Ítaca. Não existe, como notou António José Saraiva, uma relação tão estreita, por exemplo, entre Inês de Castro e Afonso Henriques. Mas, se não existe uma unidade dada por um herói único, podemos verificar que Camões se utiliza de alguns critérios para montar sua epopeia.

Como vimos, já na dedicatória a D. Sebastião o narrador apontara a veracidade dos fatos que irá narrar, e sua relação com as obras literárias que toma por modelo:

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas

Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro. (I, 11)

Em outro momento, quando Gama termina a narrativa da sua viagem para o rei de Melinde, o capitão português não se esquecerá de contrapor seus grandes feitos aos cantados pelas epopeias da Antiguidade:

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semideuses e encareçam,
(...)
Que, por muito e por muito que se afinem
Nessas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandíloca escritura! (V, 88-89)

Estes dois trechos, escolhidos entre vários outros possíveis, mostram-nos que *Os Lusíadas* se estrutura no interior de uma tensão básica:

- por um lado Camões, fugindo de modelos antigos e modernos, pretende criar um canto verdadeiro, que retrate a vera história de seu país

-por outro, na medida em que pretende executar uma obra literária que se iguale ou mesmo supere estes modelos, tem de dispor deste material histórico de tal forma que ele possa, em sua construção, transformar-se em uma epopeia comparável às da antiguidade.

Pelo levantamento que acima fizemos da História de Portugal, como é narrada por Vasco da Gama, podemos considerar que este objetivo é atingido através de alguns procedimentos recorrentes:

1. A história de Portugal é construída como sendo uma dupla luta: no período da primeira dinastia e da consolidação da segunda contra Castela, e durante toda a história portuguesa contra os mouros. A importância, em especial desta segunda luta, como elemento aglutinador da história portuguesa, pode explicar por que a alguns reinados, em que esta luta está ausente, são dedicadas poucas estâncias. De fato a luta contra os mouros acaba por ser a chave explicativa de quase toda a história portuguesa, por sinal já expressa na proposição, em que Fé e Império são considerados como termos equivalentes. Veja-se os exemplos abaixo citados:

-Canto III, 20 (1er): apresentação de Portugal como o país que se situa “Onde a terra se acaba e o mar começa” e em que “Este quis o Céu justo que floreja / Nas armas contra o torpe Mauritano/ , Deitando-o de si fora; e lá na ardente /África estar quieto o não consente.”

- Todos os reinados de Afonso Henriques, Sancho I, Afonso II e Afonso III têm por principal tema a luta da reconquista. Neste conjunto apenas o de Sancho II (91-3) se diferencia, pois é inteiramente dedicado aos motivos que o levaram a perder o poder.

- No reinado de Afonso IV possui especial relevo a batalha de Salado, também contra o mouro

- No reinado de D. João I a luta contra o mouro desloca-se da Europa para a África (IV,

48) Não sofre o peito forte, usado à guerra, Não ter imigo já a quem faça dano; E assi, não tendo a quem vencer na terra, Vai cometendo as ondas do oceano.	Este é o primeiro rei que se desterra Da pátria, por fazer que o africano Conheça, polas armas, quanto excede A lei de Cristo à lei de Mafamede.
--	---

(Os trechos seguintes foram, em grande parte, extraídos de um texto que publiquei na revista *Veredas*, “Relações entre literatura e história em *Os Lusíadas*”, que também coloquei no Moodle. O texto também apresenta alguns temas que tratarei posteriormente)

Podemos assim considerar que Camões resolve em parte o problema que acima apontamos entre a fidelidade histórica e a observância dos cânones ao adotar esta perspectiva. Se especialmente na *Odisseia* e na *Eneida*, epopeias em que a navegação ocupa um papel fundamental, havia um herói que fornecia unidade ao poema, que passando por várias e múltiplas provas, por sacrifícios e sofrimentos, acabava por chegar ao destino que lhe competia, podemos ver que Camões consegue, ao transformar toda a história de Portugal em uma guerra santa, dar uma unidade à sua obra, transformando os sofrimentos e batalhas individuais que narra em etapas de um processo mais amplo. Cada português se transforma, assim, em um executor de uma vontade coletiva maior, que tem por objetivo a transformação do mundo em um Império português e cristão, palavras que, no poema, praticamente se equivalem.

A perspectiva ideológica adotada, em que se conciliam a fé e o poderio português, como notamos não só dá uma unidade à narrativa histórica, mas também produz seus efeitos na própria forma como a história de Portugal é construída neste livro. Os acontecimentos históricos que não podem ser lidos através desta chave, com raríssimas exceções de que já falaremos, acabam por ser relegados para um plano secundário, seja por nem chegarem a ser referidos, seja por o serem de forma extremamente concisa, em oposição a outros que são bastante desenvolvidos.

Assim, curiosamente, a relação entre Fé e Império, não é em *Os Lusíadas* apenas uma postura ideológica, mas um componente literário fundamental para dar unidade às ações presentes no poema. A isto mais tarde voltaremos.

Mas certamente a união entre fé e império não explica todas as escolhas históricas efetuadas por Camões, como nos mostra o episódio de Inês de Castro, ao qual são dedicadas 19 estâncias (III, 118-136), enquanto que existem reinados que são narrados em duas ou três, e ao próprio reinado de D. Pedro, se dele excetuarmos a parte da vingança que faz contra os assassinos de sua amante, é dedicada apenas uma. A importância deste episódio não é fruto dos mesmos motivos que encontramos para os outros aqui citados e devemos inclusive notar que ele, em si, não possui nenhuma importância para o futuro concreto do país. Aqui, como bem notou António José Saraiva, Camões "podia encontrar a réplica a certos temas d'*A Ilíada* e d'*A Odisseia* - a despedida de Heitor e Andrómaca ou os amores de Dido, para indicar exemplos"(SARAIVA, José António. *Para a História da Cultura em Portugal Volume I*. Lisboa: Europa-América, 1961, p.108). Ou seja, ao transformar Inês de Castro na grande heroína de *Os Lusíadas*, na única mulher importante com um papel positivo, Camões está fazendo uma leitura literária da história de Portugal, e escolhe este episódio não por seu valor histórico, mas pelo papel que ele pode e precisa desempenhar em uma obra literária.

Mas esta *leitura literária da história* não ocorre apenas neste momento. Também em episódios de inegável importância nacional encontramos uma perspectiva que pode se assemelhar à citada acima. Como bem notou António José Saraiva, "No conjunto da história de Portugal, tal como a narram *Os Lusíadas*, Aljubarrota é a 'batalha', elemento estrutural das epopeias. Há outros episódios de guerra, mas narrados em traços sintéticos e panorâmicos (...). E esta é também a batalha nacional por excelência, cujos limites não são meramente locais, mas vão do monte Artabro ao Guadiana" (SARAIVA, 1961, p.107), Esta transformação de Aljubarrota em 'batalha nacional' e em 'elemento estrutural' desta epopeia é conseguido através de um processo, também assinalado por Saraiva, que é fruto do uso que Camões faz de suas fontes para este episódio: ele utiliza muito mais textos literários, principalmente de Virgílio, Homero e Ariosto, do que a narrativa de Fernão Lopes. Em vista

disto, vários aspectos que individualizam esta batalha acabam por ser substituídos por certos lugares comuns, que caracterizam o discurso épico sobre este tipo de evento. Assim aqui, claramente, a possível veracidade histórica é sacrificada em nome da fidelidade literária.

Este procedimento, como poderemos depois apontar, também estará presente em outros momentos de *Os Lusíadas*.

Por tudo o que dissemos podemos perceber que não é apenas a postura ideológica que associa a Fé com o Império que preside à escolha e construção da narrativa histórica. Com ela se conjuga uma outra, que tenta recuperar dos acontecimentos históricos existentes as potencialidades literárias que eles possuem. Se a postura ideológica dá a unidade necessária a vários acontecimentos que sem ela não visariam o mesmo fim, não seriam manifestações particulares de uma ação coletiva que se desenvolve por toda a história do país, uma série de índices indicam que, na construção de sua epopeia, ou de forma mais restrita, na narrativa que Gama faz ao rei de Melinde, em vários momentos Camões teve de optar por certas escolhas ou deformações para que pudesse adequar-se aos modelos que pretendia seguir e mesmo superar. Não nos parece, porém, que com isto a epopeia deixe de ser verdadeira. Em seu conjunto ela segue com bastante fidelidade a história de Portugal, e as alterações que realiza são, como Saraiva notou em relação à viagem de Gama, "apenas [n]a ordem (...) e não [n]a substância dos acontecimentos" (SARAIVA, 1961, p.129).

(Não tratei aqui do episódio do Velho do Restelo, que abordarei posteriormente)

A terceira parte de *Os Lusíadas*: Canto V - A narrativa da viagem feita por Vasco da Gama

Com a narrativa de Gama neste canto ficamos sabendo dos acontecimentos que antecedem o primeiro canto. Assim, colocados em ordem cronológica, temos

Canto III Canto IV Canto V Canto I Canto II Canto VI (...)

Nesta narrativa estão ausentes os deuses (Vênus e Baco), o que comprova que a sua existência não é conhecida por Gama. O plano histórico desconhece a existência do plano mitológico, aspecto a que em breve voltaremos e relativizaremos.

Como nota António José Saraiva a viagem possui uma série de elementos típicos que poderiam caracterizar qualquer viagem marítima que passasse pelo equador:

- 1- Passagem pelo equador
- 2- O Cruzeiro do Sul
- 3- O fogo de Santelmo
- 4 - A tromba marítima
- 5- O uso dos mapas
- 6- O uso do astrolábio
- 7- O escorbuto

Apenas dois elementos podem ser considerados mais característicos:

- 1- A aventura de Fernão Veloso (V, 31-36)
- 2- O episódio de Adamastor (V, 37-60)

Mas, de fato, o primeiro destes episódios não é exatamente específico. Como notou Saraiva, o que aconteceu com Veloso poderia ter ocorrido com vários outros navegantes. Assim apenas Adamastor seria específico da viagem de Gama.

Vasco da Gama não foi o primeiro a dobrar o Cabo da Boa Esperança (que antes se denominava Cabo das Tormentas). O primeiro havia sido Bartolomeu Dias, em 1488. É a forma como é narrada esta passagem que a torna peculiar, pois o cabo se transforma num gigante, Adamastor, sendo desta forma, em certo sentido, humanizado.

Para melhor entender as referências presentes na fala de Adamastor, ver as notas presentes nas páginas 246-249 da edição de *Os Lusíadas* que está no Moodle

O episódio pode ser assim dividido

- 37-40: Apresentação [Ler]
- 41: Comparação entre os portugueses e os outros povos [Ler]
- 42-48: da mesma forma que Júpiter em sua conversa com Vênus, Adamastor é utilizado para profetizar acontecimentos futuros da história de Portugal.
- 49: Vasco da Gama pergunta quem ele é
- 50-60: Adamastor conta a sua história: foi um dos filhos da Terra que se revoltaram contra os deuses. Apaixonou-se por Tétis e, graças a uma artimanha desta, foi transformado no Cabo das Tormentas

Hipóteses possíveis para a presença deste episódio em *Os Lusíadas*:

Cria um episódio *maravilhoso*, o que não era incomum nas epopeias

O gigante poder simbolizar a "oposição divina aos humanos que ultrapassam os limites marcados pelas divindades"(SARAIVA, 1961, 115), tema com múltiplas manifestações na literatura clássica.

É um dos elementos utilizados para profetizar a *história futura* de Portugal, ou seja, os acontecimentos posteriores à viagem de Gama.

3- Aumenta o valor do futuro encontro entre Tétis e Gama na Ilha dos Amores, ao mostrar que ela desprezou o gigante e, depois, procura o capitão.

O episódio cria problemas para a análise que apresentei até agora de *Os Lusíadas*. Se, como afirmei, o plano histórico desconhece o mitológico, aqui temos uma irrupção do plano mitológico no interior do histórico, pois Gama indica que viu o gigante. Ou seja, é necessário reformular a hipótese inicialmente formulada.

Este não será o único momento em que este tipo de irrupção acontece, ela voltará a ocorrer quando os navegantes desembarcarem na Ilha dos Amores. Se articularmos os dois episódios podemos pensar que em ambos estamos diante de alegorias. O gigante mostraria, como por sinal é indicado na edição do livro que utilizamos, a passagem do mundo conhecido para o desconhecido, e os perigos que enfrentam os navegantes. Já a Ilha dos Amores seria o prêmio que eles recebem por ter atravessado inúmeras provas, e as vencido.

Um aspecto que também une estes dois episódios é que em ambos as figuras mitológicas assumem como verdadeiro deus o Deus cristão. Adamastor diz

V, 45: "E do primeiro ilustre, que a
ventura Com fama alta fizer tocar
os céus Serei eterna e nova
sepultura
Por juízos incógnitos de Deus."

Já Tetis dirá a Gama que ela e os demais deuses greco-latinos "só pera fazer versos deleitosos / Servimos" (X, 82) [Ler X, 82-85]

Ou seja, podemos complexificar um pouco o que havíamos dito. Durante a maior parte da viagem de Gama há dois planos, o mitológico, responsável pela ação, e o histórico, que desconhece a existência do primeiro. Já em certos momentos, com claro objetivo alegórico, há um entrecruzamento dos dois planos, momentos em que as próprias figuras mitológicas apontam como verdadeiro motor dos acontecimentos o Deus cristão, o que não ocorre quando temos a disputa entre Vênus e Baco.

Gama termina a sua narrativa comparando o que fez com o que a épica clássica canta (V, 86-89) [Ler]